

APRECIÇÃO E CRÍTICA AO ENSAIO DO PROFESSOR «JOSUE' DE CASTRO»: «GEOPOLÍTICA DA FOME»

Luiz Pondé de O. Barreto

«Se, por milagre, pudéssemos ter a certeza de não haver guerra durante cinquenta anos, a próxima geração poderia ver a sociedade humana a caminho de um mundo de paz e abundância, livre para sempre da FOME, da miséria e das doenças evitáveis que sempre afligiram a maioria da humanidade.»

(LORD JOHN BOYD ORR)

Prêmio Nobel da Paz

O livro de Josué de Castro é, sem dúvida, um dos ensaios mais bem documentados entre aqueles apresentados sobre o problema da fome mundial. Além de fundado em uma extensa documentação de mais de trezentas obras, teve o ensaísta a seu favor a mais completa aparelhagem de pesquisa do mundo —: a localizada nos diversos departamentos da O. N. U. — bem como a oportunidade de contactos directos e observações “de visu” do problema, como Presidente do Conselho Executivo da F. A. O., órgão especializado das Nações Unidas (ONU) sobre a questão da alimentação mundial. Esta situação privilegiada, que o próprio escrito salienta, lhe permitiu a coleta de volumes, documentação estatística, magistralmente apresentada e comentada neste seu maravilhoso ensaio.

Escrevendo com um alto critério de imparcialidade, Josué de Castro, deixa, entretanto, transparecer sua sutil admiração pela política socialista-soviética, quando no Capítulo VI trata

sôbre a alimentação no continente enropeu. Atribue êle à bôa orientação comunista na Hungria, o estabelecimento do alto padrão alimentar d'aquêle país satélite com o saneamento das pês-simas consequência, provocadas pêla segunda guerra mundial, quando, o muito que os húngaros devem aos russos é o *restabelecimento* da sua antiga condição de possuidores das maiores reservas alimentares do continente europeu. A Hungria, como afirma Smith (1), era antes da guerra um dos principais celeiros da Europa. E poderia continuar sendo se fôsse erguida a Cortina de Ferro, que além de dividir o Continente tanto tem entravado a circulação comercial através do Velho Mundo.

A distribuição dos assuntos e a redação explicativa do autor é realizada com tão admirável maestria e clareza de estilo que, qualquer leigo em alimentação, sob o ponto de vista biológico, poderá não só adquirir facilmente os rudimentos indispensáveis à vida normal, como também, o que é mais importante, aprender a nomenclatura científica comumente usada em tais assuntos, prosseguindo a leitura sem maiores atropêlos ou incompreensões.

A revisão feita pêlo autor nesta terceira edição, focalizou, principalmente, a fome no Extremo Oriente, e, é nesta região asiática que êle se baseia para sua afirmativa de que "a fome é a causa fundamental do nível de progresso dos povos". Este é, entre outros, um dos motivos que nos levou, também, a resumir nossa crítica aos pontos fundamentais da obra, isto é, aos aspectos da vida n'aquela região do globo.

Partindo de premissas duvidosas e usando inteligente dialética Josué de Castro quase chega a nos convencer de ser a subnutrição causa fundamental da superpopulação, de ser a fome causa do aumento da libido do indivíduo e de ser a diminuta estatura de alguns povos provocada pêla má alimentação. Estas são as três assertivas básicas da sua obra.

As três regiões mais exploradas pêlo autor (Índia, China e Japão) e que consideramos principaes na sua obra, serão também as que usaremos na nossa crítica como exemplos fundamentais.

(1) SMITH, H. K. — The State of Europe — New York, 1950 — pag. 76.

“A fecundidade dos japoneses é natural. . .”, escreve o eminente John Gunther (2), “. . . por isso a dinastia japonesa nunca morreu, sobrevivendo por mais de 2.000 anos”. Isto vem de encontro à afirmativa do nobre ensaísta que enunciamos. O que prova o libido natural dos japoneses são os lupanares antigamente existentes em seu país, os maiores do mundo. E’ sabido que no Japão todos os anos os pais vendiam milhares e milhares de raparigas — até crianças — que se tornavam prostitutas ; e a profissional que se conhecia (se é que não mais existe) pêlo nome de Geisha (*) constituía uma das personagens mais características da vida nipônica.

Os japoneses não sentem grande ódio à prostituição. Se a sorte a acompanha uma Geisha poderá economizar dinheiro suficiente para o dote, voltar à sua terra e contrair matrimônio. As meretrizes japonesas, à semelhança dos trabalhadores das fábricas russas de hoje, tinham o seu recanto cultural e semanalmente recebiam lições de ética .O alcool, o jôgo e a música são proibidos nos lupanares japoneses; poderiam prejudicar o cumprimento eficaz de sua missão. A prostituição era um simples negócio — embora muito sério — do qual o governo obtinha lucros. Até mesmo, como é de conhecimento geral, um número respeitável de imperadores japoneses tiveram concubinas; a monogamia “legal” só se implantou em 1889.

Queremos aproveitar o decorrer dessa nossa refutação e criticar, em conjunto, a afirmativa: “*não é a superpopulação que cria e mantém a fome, mas é a fome que origina a superpopulação*” (3); fundamental na obra que criticamos. E’ o próprio ensaísta quem escreve: “ esta afirmativa é sem dúvida paradoxal em sua aparência, desde que, sendo a fome

(2) GUNTHER, JOHN — O Drama da Azia — Liv. do Globo — P. Alegre, 1943 — pag. 13.

(*) Convém não confundir a Geisha aqui referida c/ aquelas cuja função é dançar, cantar, etc. colorindo quase todos os festejos japoneses. Estas, geralmente mais novas, denominam-se MAIKOS

(3) CASTRO, JOSUE’ DE — Geopolítica da Fome — Edit. Casa do Estudante do Brasil, 3ª ed. — pag. 95 — 1955.

causa de morte e degradação, parece pouco propícia para provocar o excessivo crescimento demográfico". Esta sua observação parece-nos, psicologicamente, uma "*self-suspicion*" da dúvida inconsciente sôbre sua própria assertiva. Prossegue êle: "Mas na realidade, é o que se passa. Basta lembrar de logo que os três países do mundo apontados como de superpopulação real são: *China, Índia e Japão* (4) — países de fome. E que, quanto mais a fome assoia estas áreas, mais cresce o seu efetivo humano. Oportunamente mostraremos que isto se explica pêla influência da fome aumentando o coeficiente de fertilidade e os índices de natalidade dos grupos mais miseráveis, sujeitos à sua ação permanente. Daí, pode-se deduzir que, se não é possível exterminar a fome do mundo com medidas tendentes a controlar o crescimento das populações, é perfeitamente viável obter-se o contrôlo dêsse crescimento pêlo extermínio da fome".

DE NATALIDADE, quando logo no início. Entretanto, achamos que a fome pouco ou nenhuma influência tem, no seu aspecto bio-sociológico, que é o encarado pêlo autor, no aumento do *coeficiente de fertilidade*. E ainda que, se houver uma fome que venha a debilitar uma raça ou um povo, o coeficiente de MORTALIDADE suplantarà sempre o de NATALIDADE, não permitindo por consequência o aumento da população, caso seja este o único fator de crescimento demográfico. E' o próprio ensaísta quem mais adiante escreve: "Não é exagero afirmar-se que cêrca de 50% da mortalidade total dos chineses têm como causa direta ou indireta a fome crônica. Chamamos causa indireta de fome a sua ação destruidora, conduzindo o organismo a um estado de debilidade e de falta de resistência que o entrega de corpo aberto às infecções fatais. O número de individuos assim sacrificados pêla desnutrição crônica ou fome endêmica no mesmo período de anos é dezenas de vezes maior do que o das vítimas dos espasmódicos episódios de fome aguda ou das épocas de epidemia".

De fato. O ensaísta ajuda-nos a refutá-lo.

(4) O grifo é nosso, para realçar as regiões fundamentais e que para o autor **espelham a situação**.

Não duvidamos que a fome possa aumentar o ÍNDICE

E' conhecido que na Novo Guiné, de cada dez crianças nascidas oito morrem antes de atingir a puberdade. Recentes inquéritos realizados nessa área explicam tão alto índice de mortalidade precoce: — as crianças já nascem corróidas pêla fome dos pais e se desenvolvem mal pelo uso de uma alimentação extremamente inadequada. Mesmo admitindo a hipótese de que uma terrível epidemia de fome aguda dizimasse de uma vez tôda a população da Nova Guiné, ainda assim a epidemia se revelaria estatisticamente menos nociva do que a fome crônica reinante nessa área, porque ela só poderia atingir e matar os 20% que teriam sobrevivido aos efeitos depuradores da fome oculta, a qual costuma matar 80% dos nascidos n'aquela zona.

CHANDRASKHAR (5), notável demógrafo, afirma que a taxa de mortalidade total no India (país de fome*) é de trinta por 1.000 habitantes e que a percentagem de mortes precoces se eleva a cêrca de 60% dêsse total.

Abrindo o "Geopolítica da Fome" na página 96, podemos ler: "E' de observação corrente o fato de que tanto o homem como os animais quando submetidos a restrição aguda e prolongada de alimentos diminuem seu interesse sexual e sua capacidade reprodutora". "... no fim dos seis meses da experiência de fome o interesse sexual extinguiu-se por completo em quase todos os individuos". Nesta sua última afirmativa podemos ver uma contradição com suas assertivas anteriores, pois, sendo os povos citados pêlo autor, famintos por mais de seis meses, já não poderia haver, entre os mesmos, o alto coeficiente de fertilidade por êle atribuído aos individuos componentes destes grupos sociais.

Queremos crer que o maior ou menor libido do homem e, por consequência, a sua maior ou menor fertilidade está em razão inversa com o número de necessidades que êle tem de satisfazer. Observemos o nosso homem do campo, o nosso tradicional *coronel* geralmente possuidor de proles numerosas

(5) CHADRASKHAR, S. — Problemas Demográficos de la India y Pakistan.

(*) Segundo o autor.

com mais de 6 filhos, e, o homem “polis”, o cidadão, cuja prole média é de 2 ou 3 filhos. Isto se explica com a distribuição de suas respectivas rendas: a do primeiro é inteiramente aplicada na satisfação das suas necessidades — bôa cama, bôa mêsa — o segundo, além destas, tem que satisfazer inúmeras necessidades criadas pêla civilização metropolistana, por isso denominada “necessidades artificiaes ou de civilização” e que fazem desviar seus pensamentos e desejos para outros ideais que não sejam, tão sômente, comer, dormir e reproduzir. Além disso o sexo é tomado pêlo primeiro como o seu principal, ou único, passatempo. Não dispõe êle de cinemas, teatros, competições esportivas, etc., etc. que, satisfazendo outros desejos, possam desviar, transformar ou diminuir o seu apetite sexual.

Ao povo indú — que o nosso ilustre geo-político afirma ser um dos mais desnutridos do mundo... e por isso: o povo é fraco e o país superpopuloso — também são applicadas as refutações que temos feito.

A nosso ver, há, em toda essa questão de alimentação, uma certa relatividade com os próprios organismos. Pois, se assim não for, teremos que considerar: o cão como um subnutrido em relação ao lôbo ou ao leão, o periquito um subnutrido em relação ao papagaio, etc. Assim, do mesmo modo que não se pode fazer o periquito comer a mesma quantidade do papagaio, não se pode, também, fazer o chinês alimentar-se como um inglês ou um norte-americano. Deste modo, é errônea a afirmativa do autor de que a estatura ou o diminuto organismo do chinês é determinado pêla sua subnutrição.

Quanto à India, o interesse pêla dietética não é recente, foi ela sempre assunto da sua sabedoria tradicional. Desde tempos imemoriais tem sido dada grande atenção à bôa comida e à alimentação equilibrada. A literatura indiana está repleta de interessantes informações sôbre os efeitos físicos e psicológicos produzidos pelas diferentes espécies de alimentos, as quais além de sua utilidade científica, poderiam, se difundida, ser alvo de estudos e práticas pelos estudiosos e consumidores de alimentos com base na culinária francesa. No norte da India, o óleo de mostarda é usado para todos os fins, enquanto no sul o mais comum é o óleo de sésamo. A farinha de arroz é

muito empregada no sul da Índia; os indianos sulistas consomem leite talhado com arroz e os nortistas consomem-nos sob a forma de coalhada, ou "lassi"; mangas, bananas, laranjas e limões são frutas muito comuns, encontradas em tôda a Índia. Sòmente as dietas de Bengali, que consiste de arroz com peixe, legumes e um pouco de leite, e a da região de Madras (tão impiedosamente explorada pêlo nobre ensaista nas suas conclusões), que não inclui o peixe como alimento, são de baixos valores caloríferos e nutritivos (6).

A fertilidade dos Indús, embora exista em grande escala, é tão explorada por Josué de Castro como a dos povos orientais pp. ditos. Entretanto, êle se apega ao fato do desenvolvimento físico, de um modo geral, prejudicado pêla fome. Diz êle "... a falta quase generalizada de bôas proteínas contribui para a baixa estatura do povo indú e para sua falta de resistência ao trabalho e às doenças". Para tanto êle alega existência de diferenças nas estaturas dos indianos que habitam as planícies do norte, os Siks, em comparação com as populações do sul. Ora, sabe-se que os habitantes dessas regiões, raças mescladas indú-européias na sua maioria, deveriam por isso apresentar um organismo nitidamente do tipo europeu. Basta observarmos sua dieta evidentemente ocidentalizada: pão (de trigo integral), legumes, carne, ovos, leite e manteiga. Além disso, "os habitantes dessas áreas montanhosas do norte trabalham arduamente. Basta comparar o seu consumo médio de calorias diárias (6.000) com o dos "bôas-vidas" do sul que não chega a 2.300 calorias diárias". (7).

Dissemos acima que o autor não dá muitas importância à inegável fertilidade dos indús. Isto porque, a nosso ver, êle não pôde alegar a falta de alimentos. A produção alimentícia indiana tem superavits, excedentes, cuja exportação é superior ao próprio consumo interno. E' pouco provável que esse povo sinta fome dispondo de alimentos variados e abundantes. Josué

(6) DOUGALS, WILLIAM O. — Beyond the High Himalayas — New York — 1952.

(7) DA ÍNDIA DISTANTE — Boletim Publicado pêla-Embaixada da Índia — Rio de Janeiro, 1-11-56 nº 138 — pag. 3.

de Castro, entretanto diz que embora haja grande produção de alimentos o povo não os pode adquirir. Escreve êle: "E' também esse regime feudal (8) que explica o grande número de epidemias de fome, *sem falta real de produção alimentar*, (*), mas apenas por incapacidade financeira do agricultor para readquirir o produto do seu suor e poder, assim, utilizar a colheita para suas necessidades vitais. E' corrente na Índia que, enquanto muitos morrem de inanição, os produtos da região continuam sendo exportados. Na trágica fome de 1877, durante a qual pereceram de fome 4 milhões de indivíduos, segundo refere Richard Temple, nunca cessaram as exportações de *cereais* pelo porto de Calcutá. Por isto Adré Philip tem toda a razão quando escreve que — a fome nem sempre é uma consequência da insuficiência das colheitas, mas da insuficiência do que resta ao camponês depois de deduzidas as partes que cabem ao fisco, ao dono da terra e ao agiota". Evidentemente, isto não é verdade porque a região que realmente está sujeita a esses fatores, é o Norte, sob o colonialismo inglês, inclusive Punjab, e, como vimos, esta é a mais bem alimentada região do país e das mais providas do mundo. Quanto a exportação de excedentes, podemos justificá-la facilmente, observando que é constituída, tão somente, de *cereais*, cuja produção foi sempre apreciável na Índia. Essa larga produção de cereais tem sua origem associada aos hábitos religiosos da velha Índia. O grande número de budistas e jains, proibidos por suas religiões, nunca comiam carne. A influência civilizadora (ou colonizadora) se, por um lado, proporcionou o aumento da produção introduzindo moderna técnica agrícola, por outro, determinou profunda alteração nos hábitos religiosos de muitos indianos, causando assim o decréscimo do número de consumidores, ou melhor, do consumo de cereais dentro do país. Entrementes, ampliados com a introdução da maquinária agrícola, o tradicional plantio de cereais permaneceu até hoje para melhor satisfação do niquento paladar inglês e de mui-

(8) Afirma êle que os imperialistas britânicos tudo têm feito para a manutenção e permanência do regimen «feudal» na Índia.

(*) O grifo é nosso.

tos outros povos importadores de cereais. Assim, desde que há excedentes, a exportação dos mesmos é plenamente justificável ante a teoria do comércio internacional.

No sul existem outras razões.

Embora se alimentem menos que os nortistas, sabe-se que os indianos do Sul não são famintos. Por vários motivos: nestas regiões predomina a vida ascética com seus estranhos hábitos, que no norte foram abolidos com a civilização trazida pelos colonizadores. Tentar viver dos elementos do ar e da água sempre foi o mais alto ideal da vida ascética na Índia. São tipos característicos no norte e comuns no sul:

— o YOGI, ou ascético austero que come uma vez por dia;

— o BHOGI, ou o homem que desfruta os prazeres da vida. Alimenta-se, ligeiramente, 3 vezes por dia.

— a religião sempre exerceu considerável influência nos hábitos alimentares dos indianos. O livro sagrado: "Atharva Veda" proibia o abatimento de animais. Os budistas e os jains que acreditavam na "ahimsa" (não violência), nunca comiam carne — eram rígidos vegetarianos.

— Como já temos dito, os sulistas não dispõem as mesmas calorias dos indús do Norte; devido à sua própria ecologia são preguiçosos e comem pouco.

"Por isso, o indiano do sul é um povo que come pouco porque trabalha pouco".

Quanto a superpoluição existente nessas regiões por nós encaradas e apreciadas, podemos dizer que é um fenômeno já secular, principalmente na China. Não é um fenômeno tão simples que possa ser explicado por meia dúzia de palavras sobre alimentação deficiente, embora esta exista realmente em alguns pontos da região.

Autores há que afirmam ter havido concentração de indivíduos (tribos ou mesmo raças inteiras) desde os tempos do apogeu da Velha China, nas extraordinárias dinastias de Han (206 AC a 220 DC) e na de Tang que a sucedeu depois de um curto período de decadência havida no Império Chinês.

No século XIII, ao tempo em que as Cruzadas européias invadiam o outro extremo da Asia os povos desta região desceram em grande exurradas humanas, vindo povoar a Velha China (9).

Através da história universal sabemos que os mongóis e outras tribos a êles reunidas irromperam através da grande muralha, acabaram com a dinastia de Sung e ocuparam grande parte da China. O grande Genighis Khan (1162 — 1227) fez três expedições à China e em 1214 apoderou-se de Pequim; seu formidável sucessor Kublai Khan (1235-1294, estabeleceu a dinastia mongólica (que durou apenas 15 anos) e penetrou pêlo sul até Fukien. Não obstante, a civilização chinesa perdurava, como atestam as narrativas de Março Polo, Os chineses qual uma esponja gigantesca e imperecível não tardaram em absorver os conquistadores mongóis. De 1368 a 1644, uma verdadeira dinastia chinesa, a dos Ming-notável, entre outras coisas, pêlo maravilhoso florescimento da cerâmica — recuperou o poder, degenerando após um período de ascensão. Em seguida, outro grupo do noroeste, os manchús, que de certo modo eram também chineses, apoderaram-se de Pequim, implantaram aí seu domínio e pouco depois foram absorvidos pêla esponja chinesa. Ainda recentemente, com a invasão japonesa da 2ª guerra mundial, a formidável “esponja” repete sua atuação ao diluir dentro da Velha China grande parte dos japoneses invasores. Êste notável poder absorvente de povos e raças, tem sido uma das interrogações históricas mais fascinantes. À êle atribuímos em grande parte a causa da superpopulação dessas regiões orientais, visto que o poder absorvente não se limita às fronteiras chinesas. Também os povos circunvizinhos o possuem.

O chin como o indú sulista não é faminto. Concordámos que em grande parte os habitantes da china sejam possuidores de organismos debilitados. Entretanto o que mais debilita o chinês é o Ópio. E' tão grande o sonsumo de ópio que, como

(9) BELLOC, HILAIRE — Las Cruzadas — Emece Editora S/A — Buenos Ayres, 1951 — pag. 144.

diz WOODHEAD (10): hoje em dia é difícil dizer se o ópio é legal ou ilegal na China. O ópio faz com que o china não possa adquirir outros vícios menos prejudiciais e vai envenenando seu organismo e por hereditariedade os dos seus filhos. Não há dúvida que são povos que comem pouco, mas não se pode comparar a fome insaciável de um cachorro Bull-Dog ou Boxer com a de um cão Pequinês, incapaz de ingerir, totalmente, a sobremesa dos seus irmãos de nome.

C O N C L U S ã O —

Não duvidamos que o fenômeno da fome possa ser um dos fatores determinantes de uma revolução social. Entretanto, desejamos crer que é a pobreza a causa da fome e nunca esta a causa d'aquela. Talvez seja êste o pecado mortal do nosso ilustre nutricionista: fome causa da pobreza.

Além disso é evidente que a fome só causará uma comoção intestinal quando aliada a outros fatores, como por ex.: dificuldade de emigração dos indivíduos famintos, outras fomes (necessidades) que não sejam, tão somente alimentares ou biológicas, etc. Aqui no Brasil temos como exemplo real: os imigrantes nordestinos do polígono das sêcas. Impossível que fôsse a sua locomoção e estes se sublevariam contra os poderes constituídos. Neste caso, a fome ter-se-á pluralizado e deixará de ser necessidade individual para se tornar "necessidade coletiva". Isto vem provar que ela sendo agente causador de uma revolução social, muito dificilmente, terá apenas caráter biológico (ao qual se restringiu o nobre ensaísta), visto que, sob este ponto de vista limitativo, o fator fome não impedirá o indivíduo de saciar esta sua única necessidade em outra parte, (pois se êle dispõe de recursos...) desde quando as demais condições existentes assim permitirem.

Apesar do livro da caráter de causa fundamental à fome, êle é um brado de alerta e um pregador da paz social que há muito vinha se tornando necessário.

(10) WOODHEAD, H. G. W. — China Year Book — Shanghai. New York, 1953, pag. 202 .

B I B L I O G R A F I A

- DA INDIA DISTANTE — Boletim nº 138 — Embaixada da India — Rio.
- JOHN GUNTHER — O Drama da Azia.
- H. G. W. WHOODHEAD — China Year Book.
- HILLAIRE BELLOC — Las Cruzadas.
- H. K. SMITH — The State of Europe.
- S. CHANDRASKHAR — Problemas Demográficos de la India y Pa-
kistan.
- PEARL S. BUCK — The good Earth.
- WILLIAM O. DOUGLAS — Beyond the High Himalayas.